

# O TRAUMA EM ANDRÉ GREEN

Claudia Amorim Garcia  
Professora Aposentada do Departamento de Psicologia  
da PUC-Rio PhD pelo Wright Institute, Berkeley, California.  
Psicanalista Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro  
clauag46@gmail.com

**Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article**

Amorim Garcia C. (2018) O TRAUMA EM ANDRÉ GREEN  
Intercambio Psicoanalítico 7 (2), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/14.2.1/  
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

# O TRAUMA EM ANDRÉ GREEN<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Este artigo foi originalmente publicado na Alter Revista de Estudos Psicanalíticos (Sociedade de Psicanálise de Brasília) Vol 30, no 2, 2012.

Claudia Amorim Garcia<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Professora Aposentada do Departamento de Psicologia da PUC-Rio  
PhD pelo Wright Institute, Berkeley, California.  
Psicanalista Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro  
clauag46@gmail.com  
Rio de Janeiro

## Resumo:

**O trabalho apresenta a concepção de trauma em Andre Green mostrando a centralidade da relação com o objeto primário no desencadear de situações traumáticas. Os conceitos greenianos de objeto trauma, complexo da mãe morta e trabalho do negativo são utilizados na construção do argumento central que aponta para os entraves ao trabalho do luto o que caracteriza a clínica do trauma.**

Palavras chave: objeto trauma; complexo da mãe morta; trabalho do negativo; luto; representação

A conceituação do trauma enquanto categoria psicanalítica deu-se através de um longo trajeto que continua em curso, tendo se iniciado nos primórdios da psicanálise. Assim, já no texto sobre a etiologia da histeria, Freud (1896) reverencia a contribuição de Breuer cuja hipótese de que os sintomas histéricos decorriam de experiências traumáticas, posteriormente reproduzidas como símbolos mnêmicos, atesta, inegavelmente, o caráter inaugural da então noção de trauma, que veio a se consolidar como um conceito nodal da teoria psicanalítica de relevância incontestável nos tempos atuais. Sem menosprezar a árdua e complexa construção do conceito de trauma no texto freudiano – e lembrando, sempre, o caráter emblemático dos trabalhos de 1920 e 1926 neste processo – retomo algumas de suas últimas contribuições sobre esta questão que constam de Moisés e o Monoteísmo (Freud, 1938) que vem sendo objeto de prolíferas discussões no âmbito da psicanálise contemporânea, e mais especificamente, temática central de pesquisa de Andre Green.

É na Parte C de Moisés e o Monoteísmo que, fazendo uma analogia entre a religião monoteísta e a neurose Freud postula que ambas apresentam uma origem traumática. O que seria traumático? pergunta. Retoma, então, sua tese já então familiar que considerava a serie complementar como requisito essencial para qualquer situação de caráter etiológico. No contexto desta discussão, a articulação entre o elemento quantitativo, representado pela frustração e fixação da libido enquanto fator disposicional (Freud, 1916), e os acontecimentos da primeira infância é indiscutivelmente remarcada. As neuroses teriam sua origem nos traumas etiológicos resultantes, não apenas de experiências precoces, esquecidas e ligadas a impressões de conteúdo sexual-agressivo, mas também seriam consequência do que então foi denominado de “danos precoces ao ego (mortificações narcísicas)” (Freud, 1938, p 93). Esta conjunção entre o disposicional, enquanto pulsional, e o circunstancial, relativo à relação com o objeto, é definitivamente explicitada em Análise terminável e interminável (1937) marcando a posição final de Freud sobre esta questão.

A etiologia de todo distúrbio neurótico é, afinal de contas, uma etiologia mista. Trata-se de uma questão de os instintos serem excessivamente fortes – o que equivale a dizer, recalcitrantes ao amansamento por parte do ego – ou de os efeitos de traumas precoces (isto é, prematuros) que o ego imaturo foi incapaz de dominar. Via de regra há uma combinação de ambos os fatores, o constitucional e o acidental (Freud, 1937, p. 251). Voltando a Moisés, chamam a atenção as referências constantes, mas pouco explícitas, ao caráter não representacional das situações traumáticas decorrente do excesso pulsional a elas vinculado. Assim, experiências infantis muito primitivas “escaparam de serem lidadas normalmente” e se tornaram traumáticas em função do fator quantitativo, isto é, pelo “excesso de exigência” que teria resultado em reações patológicas fora do comum (Freud, 1938, p. 91) levando a um esquecimento radical. Nestes casos os eventos “esquecidos” assim devem permanecer, sendo então substituídos por sintomas neuróticos, restrições do ego e modificações estáveis do caráter (p. 95). Há traumas, no entanto, que podem apresentar efeitos positivos – quando possibilitam a repetição da experiência traumática, decorrente da compulsão à repetição e da fixação (p. 94) – que consistiriam na melhor indicação à psicanálise (Freud, 1937). Este prognóstico positivo associado às etiologias traumáticas, na realidade, vem sendo constantemente posto à prova pela experiência clínica contemporânea que se vê constantemente às voltas com a problemática dos traumatismos precoces, tema pouco trabalhado no texto freudiano sobre o qual, no entanto, já encontramos indícios em Moisés.

Um último ponto, ainda no trabalho de 1938 relevante para as discussões atuais sobre o trauma, é explicitado na afirmativa de que as situações traumáticas exibem uma grande intensidade psíquica e se dão independentemente de outros processos psíquicos, fora do teste da realidade. São, poder-se-ia dizer, um Estado dentro de um Estado, um partido inacessível, com o qual a cooperação é impossível, mas que pode alcançar êxito em dominar o que é conhecido como partido normal e forçá-lo a seu serviço (Freud, 1938, p. 95).

O traumático lembraria, então, um “Estado dentro de um Estado”, expressão amplamente utilizada pela literatura pós freudiana justamente para assinalar o caráter clivado e não representacional das experiências traumáticas, objeto central de interesse na clínica das patologias narcísicas contemporânea.

Mortificações narcísicas na origem, um Estado dentro do Estado enquanto experiências não assimiladas, enquistadas no espaço psíquico e a articulação inquestionável entre pulsão e objeto, como parece aludir a menção à série complementar, são algumas das questões que vem sendo amplamente discutidas, na sua articulação com a temática do trauma, pela psicanálise contemporânea. Andre Green, especificamente delas se apropriou, retomando e ampliando seu escopo ao longo de, pelo menos, 20 anos, no contexto de suas discussões sobre as patologias limítrofes.

De fato, a maior ou menor importância concedida à pulsão ou ao objeto no desencadeamento de uma situação traumática tem sido tema de inúmeras controvérsias psicanalíticas. A concepção clássica freudiana é comumente considerada como representante da vertente que privilegia a pulsão e os determinantes intrapsíquicos, em detrimento do papel atribuído ao objeto, tema central de pesquisa dos teóricos das relações de objeto. A contribuição ferencziana, de relevância inquestionável e duradoura, desempenha papel predominante neste debate já que, para muitos, Ferenczi retoma a posição inicial de Freud se reapropriando, à sua maneira, da teoria da sedução, com o privilégio que concedia ao evento externo traumático, sem abrir mão da dinâmica pulsional. Este debate se intensificou com os trabalhos de Winnicott, que em muitos aspectos trazem a marca ferencziana, e apontam para a função estruturante do ambiente na constituição psíquica, sem, no entanto, discutir a incidência do pulsional. De um lado aqueles que defendem a centralidade da pulsão e do outro os partidários de uma posição em que os fatores ambientais e a relação com o objeto são determinantes. A discussão fica, muitas vezes polarizada entre os defensores de uma pretensa posição intrapsíquica, herdeiros próximos do texto freudiano, e aqueles que privilegiariam uma posição supostamente intersubjetiva. O caráter estéril e pouco instigante do debate resulta, a meu ver, de uma leitura reducionista e, muitas vezes, equivocada de ambos os lados, o que não faz jus ao legado freudiano. Recorro, então, a André Green que me parece representar exemplarmente uma posição dialética neste campo de controvérsias, em oposição ao caráter muitas vezes dicotômico das discussões. Trabalhando principalmente em torno das questões do narcisismo, campo central da problemática do trauma, Green privilegia questões cruciais deixadas em aberto por Freud como o prejuízo representacional e a impossibilidade do luto que resultam de situações traumáticas. Início, então, com duas citações suas, emblemáticas de sua forma de pensar as questões psíquicas, e que norteiam sua maneira de discutir o conceito de trauma. A primeira delas, de caráter mais geral, consta das Conferências Brasileiras, de 1986, e de certa forma responde à pseudo dicotomia pulsão/objeto.

[...] na verdade, não se tem de escolher entre a teoria da pulsão e a teoria do objeto, mas sim de compreender que o objeto é o revelador da pulsão. O que nos permite não ter que fazer uma escolha estúpida entre uma espécie de teoria biologizante, pelo inatismo, e uma teoria dita do meio, que levasse em conta o objeto, ao contrário, que uma revela a outra (Green, 1990, p 72).

Esta postulação é inúmeras vezes retomada e ampliada ao longo do texto greeniano. A hipótese de que a constituição psíquica se dá a partir de duas polaridades independentes e interligadas, a linha objetual e a linha subjetal representa uma dessas reafirmativas recorrentes que é levada às últimas consequências na sua discussão sobre as situações traumáticas primitivas (Green, 2002).

A linha subjetal, herdeira direta do texto freudiano, tem como eixo central a pulsão como matriz dos elementos que a compõem, e é constituída por uma gama de estados psíquicos que incluem o eu freudiano e seus satélites como o self de Hartmann e Winnicott, o je (eu) de Aulagnier e também o sujeito lacaniano (Green, 2002, 156). Cada caso clínico em questão requer o recurso a um estado específico. Neste sentido, enquanto os casos limites colocam em relevo a noção de eu – seus limites, defesas, investimentos, fragilidade narcísica – a neurose remete imediatamente à noção de sujeito, pela intensidade de seus conflitos pulsionais e complexidade simbólica de suas manifestações sintomáticas. A linha objetal, por outro lado, desenvolvida extensamente pela produção psicanalítica pós freudiana, se caracteriza pela multiplicidade de seus elementos que, por sua vez, apontam para diferentes tradições teóricas: objeto fantasmático, objeto real, objeto do isso, objeto narcísico e, sobretudo, objeto da transferência. Numa tentativa de apresentar o que designa de fisiologia do objeto, Green (2002, p 161) discrimina doze funções objetais principais algumas das quais são fundamentais para o entendimento do trauma.

a função do enquadramento, que permite e estimula vida pulsional;

a função de ilusão que garante o caráter único e insubstituível de um investimento;

a função de satisfação, sempre provisória e parcial, que contribui na integração das pulsões destrutivas

a função de substituição, que possibilita a criação dos objetos substitutos

De uma forma geral, as funções do objeto podem ser resumidas em duas grandes forças - de atração e imantação – que inevitavelmente atestam a articulação inequívoca entre pulsão e objeto, exemplarmente demonstrada pelo processo de subjetivação que se dá a partir de sucessivos movimentos de apropriação subjetiva, mais ou menos bem sucedidos.

A segunda citação, igualmente emblemática da posição de Green e encontrada no Anexo Seminário trabalho do negativo, de 1988, aponta para a exigência da ação negativizante sobre a pulsão no seu caráter de desmesura trazendo à tona, portanto, a questão do excesso pulsional, o que nos remete ao tema do trauma em psicanálise.

A psicanálise postula, portanto, que a ação do negativo está no fundamento de existência já que se contrapõe a uma positividade em excesso, aquela devida ao funcionamento pulsional com o qual o sujeito só pode compor negativando-a e, desta forma, tornando a vida pulsional compatível com as exigências da vida cultural, ela mesma o resultado de uma negação da vida natural (Green, [1988] 1995, p. 391). O excesso pulsional inevitável, e, portanto, constitutivo, precisa da ação do negativo que abre o caminho para a construção de representações e, portanto, da relação com o objeto, possibilitando, assim, a articulação entre pulsão e objeto, âmago da constituição subjetiva e locus de emergência do trauma.

A articulação entre pulsão/objeto e o excesso pulsional inevitável, evidenciados nas citações acima, são dois pilares que sustentam a argumentação greeniana na apresentação do complexo da mãe morta, aqui tomado como o modelo paradigmático do trauma. Antes de mais nada,

no entanto, o complexo da mãe morta é, sem dúvida, um mergulho nas entranhas da dinâmica narcísica, mais especificamente, do narcisismo negativo, tema de que se ocupou Green principalmente entre as décadas de 60 e 80.

Não apenas o pulsional é sempre desmesura, demasia, que irrompe e traumatiza, mas o objeto também se apresenta, por excelência, enquanto fator traumático como argumentou Green em *Angústia e narcisismo* (1979), trabalho contemporâneo da *Mãe morta*, de 1980. É inevitável, portanto, o caráter traumático do encontro entre pulsão e objeto. O perigo traumático do encontro com o objeto reside tanto na ameaça de efração pela sexualidade quanto pela invasão com o próprio objeto, apontando para a coalescência da pulsão com o objeto da qual o eu se defende através do retraimento narcísico. É, então, no bojo da discussão sobre as diferentes modalidades de angústia, próprias das organizações narcísicas, que é lançada a hipótese do objeto-trauma segundo a qual o objeto é sempre uma ameaça de desequilíbrio para o eu na sua constante tentativa de preservação da unidade narcísica.

Dentro desta ótica, o objeto que está, no entanto, na origem do objetivo da satisfação do isso é, na verdade, para o eu, de uma certa maneira, sempre causa de desequilíbrio -, por assim dizer, um trauma. Se é verdade que o eu aspira à unificação, e que esta unificação interna inclui a unificação com o objeto, a reunião total com o objeto obriga o eu a perder sua organização (Green, [1979] 1988, p. 151).

Então, o objeto é fonte de excitação, responsável por tensões libidinais contraditórias e, enquanto parte do mundo externo se mostra inalcançável, aleatório. O objeto força o eu a modificar sua economia psíquica na medida em que, enquanto objeto interno fantasmático, investido pela pulsão, ameaça de dentro, e enquanto objeto externo se mostra imprevisível e fora do controle do eu. Antes de mais nada, o objeto obriga o eu a trabalhar, abandonando sua quietude narcísica, em busca da satisfação (Green, 1979).

Amável e detestável, nem fixo nem permanente, o objeto tem seus desejos e objetivos que não coincidem com os desejos e objetivos do eu. Submetido às vicissitudes do objeto do qual não pode prescindir, o eu desenvolve defesas intensas dentre as quais o retraimento e a identificação narcísicos ocupam lugar privilegiado e encenam os dilemas inevitáveis entre a aproximação e o distanciamento do objeto, situação que se apresenta excepcionalmente aguçada nos casos limites. Com estes pacientes o luto é impossibilitado e substituído por manifestações de um narcisismo negativo desobjetalisante regido pela busca do grau zero de tensão que promete, quem sabe, finalmente, a libertação da dependência ao objeto. Em 1980, um ano após *Angústia e narcisismo*, Green retoma esta discussão, quando, então, apresenta sua hipótese sobre o complexo da mãe morta, questão que desenvolve e amplia em trabalhos posteriores nos quais discute a constituição dos casos limites e a importância do trabalho do negativo no processo de constituição psíquica em que predominam as situações traumáticas primitivas.

O complexo da mãe morta, entendido como paradigmático de situações traumáticas primitivas serve também de situação exemplar para a investigação dos problemas ligados ao luto o que atesta sua relevância para a investigação das patologias narcísicas tão presentes na clínica contemporânea. Partindo da afirmativa de que o processo de constituição psíquica se inaugura com a perda do objeto primário, a que se segue o estabelecimento da posição depressiva, e que abre caminho para a emergência de objetos substitutos, Green (1980) se propõe a discutir como se dão as relações entre estes dois eventos inaugurais do psiquismo nas patologias limítrofes.

Lembrando que suas reflexões têm sempre sua fonte principal nas análises que conduz, Green descreve, então, pacientes que não apresentam sintomas depressivos evidentes, mas uma problemática de cunho narcísico que afeta dramaticamente sua vida profissional e sobretudo afetiva. No relato clínico surgem referências esparsas a um possível episódio de depressão na infância, mas o que aparece em primeiro plano, na análise, são as exigências tirânicas do ideal do eu, às vezes acompanhadas por injunções superegóticas violentas, que impedem a resolução de situações conflitivas, prejudicam a capacidade de amar e de se valorizar, ou mesmo se sentir satisfeito com realizações alcançadas. Uma sexualidade predominantemente autoerótica, através do prazer sensual puro, com pobreza fantasmática e desprovida de sentimentos de ternura, denuncia o bloqueio da capacidade de amar destes pacientes que também apresentam uma forte dissociação entre o soma e a psique. Por outro lado, a procura do sentido perdido, ou nem construído, estimula o aparecimento precoce das capacidades intelectuais e sublimatórias que, por desempenharem uma função essencialmente defensiva, fracassam ao menor conflito ou impasse com que, inevitavelmente, todo sujeito se defronta.

O cenário clínico das análises nas quais se evidencia o complexo da mãe morta apresenta uma feição muito pouco comum no que se refere ao estabelecimento da transferência. Nelas a neurose de transferência presente na análise das neuroses clássicas dá lugar à depressão de transferência que contrasta vivamente com o comportamento do paciente fora da análise onde não se evidenciam sinais de depressão. É através da depressão de transferência que se apresenta, então, a configuração de um núcleo central depressivo, herdeiro de uma situação de depressão infantil muito singular.

O que indica esta depressão da transferência é a repetição de uma depressão infantil da qual creio ser útil descrever as características. Não se trata de uma depressão por perda real de um objeto, ou seja, não está em questão o problema de uma separação real do objeto que teria abandonado o sujeito. O fato pode existir, mas não é ele que constitui o complexo da mãe morta. O traço essencial desta depressão é que ela se dá na presença de um objeto, ele mesmo absorvido num luto (Green, [1980] 1988, p. 247).

Então, nestes casos, é a relação com uma mãe absorvida por um luto interminável, por perda significativa, que afeta a criança. A morte de uma pessoa querida, uma traição amorosa, falência financeira ou perda de status profissional assim como um aborto secreto são acontecimentos que frequentemente deslançam uma depressão materna. Seja qual for a causa em questão, a depressão materna implica numa diminuição de interesse pela criança, isto é, num desinvestimento materno, inexplicável para a criança que se vê submetida a uma perda repentina e catastrófica, depois de um período de felicidade inicial na relação com a mãe. Este traumatismo narcísico, fruto de uma enorme decepção, não apenas redundando na sensação de perda do amor materno, mas também afeta drasticamente a capacidade de compreensão e atribuição de sentido, da criança. Tudo teria terminado como nas civilizações desaparecidas das quais os historiadores procuram em vão a causa da morte levantando a hipótese de um abalo sísmico que teria destruído o palácio, o templo, os edifícios e as habitações, das quais só restam ruínas. Aqui, o desastre limita-se a um núcleo frio que posteriormente será superado, mas que deixa uma marca indelével nos investimentos eróticos dos sujeitos em questão (Green, [1980] 1988, p. 248).

A percepção da perda do amor materno desencadeia várias reações iniciais de agitação, insônia, terrores noturnos, mas também de alegria artificial como estratégia para reanimar a mãe e restabelecer a relação com ela. Estas tentativas, se não percebidas e respondidas a tempo (Winnicott, 1971; Roussillon, 1999) acabam resultando em dois movimentos cruciais: o desinvestimento do objeto materno e a identificação com a mãe morta. O desinvestimento do objeto materno se dá sem externalização da agressividade que retorna sobre o eu resultando num "buraco na trama das relações objetais" (Green, [1980] 1988, p. 249). Caso a criança esteja adentrando o Édipo, a agressividade que não pode ser dirigida para mãe deprimida encontra, também, um bode expiatório na figura do pai, culpado, então, pela depressão materna. Esta sequência de acontecimentos precipita a triangulação precoce que, no entanto, não se dá a partir da diferença sexual, mas a partir das qualidades atribuídas ao objeto. É o que Green denomina de bi triangulação edípica (Green, 1974).

Já a identificação com a mãe morta se apresenta como única forma dela se aproximar, uma identificação mimética, no modelo canibalístico, o que resulta num estado de alienação e aprisionamento na identificação primária com um morto vivo. Já que ter a mãe como objeto de investimento se tornou inviável então ser como a mãe morta se apresenta como uma saída possível. Posteriormente, situações amorosas futuras provavelmente vão desencadear, através da compulsão à repetição, reações de desinvestimento frente a um objeto percebido sempre como também passível de decepcionar. É possível que este movimento seja percebido no seu caráter defensivo, mas a identificação com a mãe morte continuará inconsciente, demonstrando dramaticamente as marcas do trauma que persistem e a ameaça constante da reencarnação da mãe morta em cada novo investimento amoroso ao longo da vida. De fato, estes pacientes parecem

sempre ameaçados do retorno da mãe morta que dissolve as conquistas sublimatórias conseguidas e se interpõe a cada nova relação amorosa que promete ser bem sucedida. Green usa a expressão “a mãe morta não deixa em paz” (p. 255) para se referir a estes sujeitos cativos de um amor congelado, nas suas palavras, pelo desinvestimento radical do objeto primário que, na realidade, resultou na sua hipoteca à mãe morta.

Esta “loucura privada” (Green, 1990) é dramaticamente encenada em análise através da oscilação constante entre a angústia de invasão e a angústia de separação que estes pacientes demonstram na relação transferencial, em detrimento da angústia de castração da qual parecem distanciados. Estes movimentos exemplarmente demonstram as tentativas no sentido de resgatar e reanimar o objeto materno, dele se aproximando, e seu oposto, a necessidade de distanciamento e o sentimento de invasão de que se sentem possuídos pela constatação do aprisionamento na identificação alienante de que se tornaram objeto. Na verdade, a síndrome depressiva central camuflada característica destas análises aponta para a angústia branca, que se diferencia da angústia vermelha, expressão da angústia de castração, assim denominada pela associação com uma ferida sangrenta (Green, 1979). No complexo da mãe morta, por outro lado, o que está em jogo é a angústia branca que se dá em torno das perdas do seio, do objeto, da aprovação do superego, sempre ligada à ameaças de abandono. A série branca, da qual a angústia branca faz parte, caracteriza a clínica do vazio ou a clínica do negativo, na terminologia greeniana, e é constituída por apresentações sempre pelo negativo, enquanto ausência (luto branco, psicose branca). A série branca se faz representar, na análise, através de sentimento de vazio, principalmente, e remete à situação originária do um desinvestimento radical pelo objeto primário materno, centro da problemática que estes casos apresentam, e que deixa no seu rastro “buracos psíquicos”, preenchidos por intensa agressividade, resultantes do enfraquecimento dos investimentos eróticos. Configura-se, portanto, uma cena psíquica onde predomina a desintração pulsional que libera a função desobjetalizante da pulsão de morte (Green, 1986).

Voltando ao pressuposto inicial de que a origem do psíquico exige a perda do objeto primário e sua substituição por objetos substitutos, enquanto representações investidas pela pulsão, constatamos que o complexo da mãe morta evidencia justamente a situação oposta. No caso destes pacientes, nos quais a separação inicial não foi possível e, portanto, o luto não se deu de forma satisfatória também se tornou impeditiva a construção de um espaço psíquico que pudesse abrigar representações e dar lugar a novos investimentos. Este estado de coisas demonstra, dramaticamente, o efeito catastrófico das situações traumáticas primitivas, como aquela constituída pelo complexo da mãe morta, e evidencia a violência interna a que estes pacientes estão submetidos, evidência de um trabalho do negativo estruturante que não se deu (Green, 1993). Ao contrário, são pacientes à mercê do trabalho do negativo desestruturante próprio da pulsão de morte.

Nos Anexos 1 e 3 da coletânea *O trabalho do negativo*, de 1993, os desfechos e consequências psíquicas nefastas destes casos, então entendidos como casos limites, são discutidos mais detalhadamente sob a ótica do trabalho do negativo. Se, nos textos anteriores, a discussão se dava principalmente a partir do ângulo do eu e suas defesas narcísicas, como reação a uma situação traumática, nos Anexos a pulsão, enquanto pulsão de morte, e o ambiente ocupam o centro da argumentação. Trata-se de um ambiente, numa perspectiva bastante winnicottiana, que facilita ou impede que o processo de transformação do objeto primário em estrutura psíquica possa se realizar. Por outro lado, e bem no estilo freudiano-greeniano, é ressaltada a função primordial da pulsão de morte, enquanto trabalho do negativo, no desenlace deste processo de estruturação que pode redundar na emergência dos casos limites, caso falhe na sua função estruturante. Nos Anexos, portanto, estão presentes outros articuladores conceituais, ausentes do complexo da mãe morta, o que permite uma análise mais aprofundada das vicissitudes do objeto primário e suas consequências traumáticas para o processo de constituição subjetiva, e principalmente, sobre a construção das representações e do pensamento.

Partindo da afirmativa de que falta, no texto freudiano uma referência precisa sobre a função estruturante fundamental da pulsão de morte na relação com o objeto, Green (1986/1995, 1988/1995), então, se propõe a apresentá-la apontando para a necessidade do trabalho do negativo na separação do objeto primário. Na verdade, o negativo tem uma dupla face: é o que delimita o possível, mas também o que destrói o possível. Os destinos dos primórdios da constituição subjetiva enfaticamente encenam estes dois aspectos que resultam na inflexão do trabalho do negativo sobre o objeto primário. Se tudo corre bem, como diria Winnicott, o destino esperado para o objeto absolutamente necessário é se apagar, transformando-se em estrutura enquadrante, um espaço receptáculo do eu que circunscreve um vazio aqui entendido como matriz primordial dos investimentos eróticos e agressivos que abriga o desejo e acolhe as representações de objetos substitutos. Se, por outro lado, predomina um cenário traumático, como no caso do complexo da mãe morta, este desfecho é inviabilizado e o objeto absoluto aprisiona e impede o surgimento dos objetos substitutos, a construção das representações e finalmente interfere tragicamente com o desejo. Neste sentido é bastante significativa a afirmativa greeniana segundo a qual para poder dizer sim a si mesmo é preciso dizer não ao objeto (Green, [1988] 1995), possibilidade que parece não estar ao alcance dos casos limites e organizações narcísicas que permanecem aprisionados no âmbito do narcisismo negativo, buscando alcançar o zero de tensão psíquica, na ilusão de, assim, de livrar do objeto que os habita absolutamente, equívoco que apenas contribui para a consolidação de um luto impossível.

O complexo da mãe morta serve de paradigma para o estudo das situações traumáticas primitivas apresentando, portanto, um caráter extremado nas patologias narcísicas graves. É também de inegável importância na compreensão dos quadros clínicos menos graves, mas submetidos a um mesmo processo, que configuram um cenário clínico com que nos deparamos cotidianamente na análise de nossos pacientes o que indica, sem dúvida, a importância do trauma, e principalmente das situações traumáticas primárias, nas subjetividades contemporâneas, temática exaustivamente discutida por Andre Green a quem somos gratos pela enorme contribuição teórico-clínica psicanalítica que nos deixou de herança.

#### Bibliografia

- Freud, S. (1896) A etiologia da histeria. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB), vol III. Imago Editora, 1969.
- (1916) Conferências introdutórias sobre psicanálise. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB), vol XVI. Imago Editora, 1969.
- (1920) Além do princípio do prazer. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB), vol XVIII. Imago Editora, 1969.
- (1926) Inibições, sintomas e ansiedade. . Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB), vol XX. Imago Editora, 1969.
- (1938) Moisés e o monoteísmo. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB), vol XXIII. Imago Editora, 1969.
- Green, A. (1974) L'analyste, la symbolisation et l'absence dans le cadre analytique. In La Folie Privée. Gallimard, 1990.
- (1979) A angústia e o narcisismo. In Narcisismo de Vida. Narcisismo de Morte. Escuta, 1988[1983].
- (1980) A mãe morta. In Narcisismo de Vida. Narcisismo de Morte. Escuta, 1988[1983].
- (1986) Anexo I: El trabajo de lo negativo. In El Trabajo de lo Negativo. Amorrortu editores, 1995 [1993]
- (1986) Conferências Brasileiras de André Green. Metapsicologia dos Limites. Imago, 1990.
- (1986) Pulsão de morte, narcisismo e função desobjetalizante. In Green et alli A Pulsão de Morte. Escuta, 1988.
- (1988) Anexo 3: Seminário sobre el trabajo de lo negativo. In El Trabajo de lo Negativo. Amorrortu editores, 1995 [1993]
- 2002) Idées Directrices pour une Psychanalyse Contemporaine. PUF.
- Roussillon, R. (1999) Agonie, Clivage et Symbolisation. PUF.
- Winnicott, D. W. (1971) Playing and Reality. Tavistock Publications